

Gran Torino: Uma abertura para o Desejo

Felipe Ferreira De Nichile

O que lhes ensino, aquilo a que os conduz aquilo que lhes ensino, e que já está no texto, mascarado sob o mito de Édipo, é que esses termos, o desejo e a lei, que parecem colocar-se numa relação de antítese, são apenas uma e a mesma barreira, para nos barrar o acesso a Coisa. (...) É por isso que Freud relaciona o inapreensível desejo do pai com a origem da lei. (Lacan, 2005, p.93).

Quando um filme como Gran Torino é lançado passam a ocorrer uma série de repercussões, principalmente no âmbito cinematográfico, a respeito do que poderia significar uma obra como esta e em até que ponto este seria, ou não, uma fotografia de nossa realidade. De modo que surgem uma série de críticas buscando situar o filme dentro de um contexto e a partir deste, buscar a sua relevância sócio-histórica e cultural. Este que foi anunciado como o último filme de Clint Eastwood, por este motivo já chega aos cinemas fazendo alarde, mesmo porque há uma série de obras premiadas, inclusive com o Oscar, que foram dirigidas recentemente por este incrível ator e diretor. Repercussões a parte, vale a pena, tal qual fazia Freud analisando algumas obras artísticas de seu tempo, traçar uma perspectiva a respeito do que neste filme pode servir como reflexão para nos levar a um entendimento da dinâmica psíquica de nossa realidade, obviamente, através de algumas considerações psicanalíticas.

Porém, para os fãs de sua obra, principalmente quanto este atua como ator, vinha faltando um filme que correspondesse aos papéis que o fizeram primeiramente aparecer aos olhos do grande público: filmes de cowboy e heróis incansáveis como o famosíssimo “Dirty Harry”, que povoou a imaginação de um sem número de meninos e homens como um ideal a ser seguido e cujas façanhas tiveram o condão de suscitar em nossas mentes fantasias sobre qual seria lugar

de um homem em nossa sociedade. Diante de um sistema sujo e falido, cujas representações somente corroboram para que perversos se utilizem do mesmo em prol de seu bel prazer, caberia ao desejo do homem de coragem, ou seja, aquele que podemos fantasiar como um pouco mais fálico que os demais, estar apto, com seus próprios atos, a defender, mesmo que de uma maneira um tanto quanto perversa, a lei simbólica que é o motivo pelo qual a lei dos homens se estabelece.

Assim, diante de uma sociedade apresentada a nós como um lugar onde a perversão passa a ser a única lei que vigora, dado que a lei dos homens, em razão da corrupção e da ineficiência de nosso sistema público, voltado unicamente para resolver os problemas do próprio sistema, é incapaz de assegurar o seu próprio cumprimento, caberia então a um único homem, o herói, ou anti-herói, a restabelecer o equilíbrio da sociedade através de um ato, tal qual o banquete descrito por Freud, no qual se devorariam aqueles que figuram no lugar do antigo pai fálico e o restabelecimento da sociedade totêmica.

Aqui vale ressaltar que, dentro deste universo fantasmático masculino, sempre surgem essas figuras que podem ser representadas como heróis, homens perversos que lutam contra sua própria perversidade, projetando esta em outros homens, ainda mais perversos, mas que, ao final, abrem mão desta falicidade imaginária em prol da construção de um mundo mais justo, representado pela sociedade totêmica freudiana, no qual o falo não é mais algo que se é, mas algo que se pode ter momentaneamente e que circula na sociedade em razão do lugar que se ocupa. Assim, lembrando o que é exposto por Žižek, personagens como estes não podem ser fálicos demais, é sempre necessário que haja um ponto de fraqueza ou de humor, para que seja possível que nos identifiquemos com eles, ou seja, o “Real” deve ser apresentado a nós como imbuído de seu fator traumático, para que possamos enxergar ali algo de realidade e, conseqüentemente, possamos nos situar.

Considerado como uma resposta a outro filme que recebeu o Oscar; “Onde os fracos não têm vez”, que preconiza que na sociedade atual não haveria mais um lugar para os cowboys, dado que, em decorrência da ampliação da

postura perversa dentro da sociedade pós-moderna, este lugar teria se banalizado, Gran Torino inova, buscando provar que o herói não está obsoleto e ainda pode existir, porém, através de uma releitura dessa figura que a cada dia se torna mais controversa, dado que os ideais de competitividade e sucesso que são preconizados, estão cada vez mais firmemente relacionados a fantasias perversas e onipotentes.

Neste filme, no qual o ator é também o diretor, apresenta-se a realidade de Walt, um velho amargurado senhor americano que acaba de perder sua esposa. Cercado por um mundo que ele não mais entende e do qual não tem vontade de participar, é visto pelos outros e por sua própria família como uma relíquia sem uso e cujos valores não mais se coadunam com o mundo atual. Diante dessa situação, não lhe sobra alternativa que não seja passar os dias sentado na varanda de sua casa, ao lado de seu cachorro, bebendo cerveja e lavando seu velho carro, lamentando-se desse mundo que ele não pode mais aceitar. A trama, que é uma metáfora dos efeitos da globalização, se passa em um bairro antes tradicionalmente habitado apenas por americanos tradicionais e que agora serve como lar a uma série de imigrantes, principalmente de orientais e que também não convivem bem com o velho senhor, mesmo porque há um grande preconceito da parte deste em relação aos vizinhos, (uma vez que este já fora um “cão de guerra”, tendo combatido orientais na Coreia). A coisa começa a mudar de figura quando, depois da tentativa frustrada de seu inibido vizinho, Thao, em roubar o seu carro, (uma verdadeira preciosidade), o personagem começa a se deparar com o lado violento do bairro e resolve tomar uma atitude para mudar as coisas.

Com o tempo, ele passa a aproximar-se da família de Thao e a observar a realidade de seus vizinhos, na qual alguns parentes violentos tentam fazer com que o jovem também se torne um bandido, incitando-o a roubar o carro de Walt, que acaba conseguindo por impedir essa ação. A partir daí o velho e o jovem passam a ter uma convivência forçada, já que obrigado pela família o rapaz é obrigado a trabalhar de graça para o outro no intuito de reparar o mal que tentara fazer. Com isso, Walt acaba percebendo que para ajudar o jovem vizinho a tornar-

se um homem de verdade terá que defendê-lo de seus familiares perversos, e tentando transmitir-lhe valores que pudessem torná-lo mais seguro e maduro. Ou seja, funcionar como uma possibilidade de introduzir um modelo que permitisse ao jovem desenvolver seu ideal de eu, de modo diverso dos demais jovens do bairro, tomados estes por uma onda de perversidade, resultante, principalmente de suas formações grupais, as quais não deixam de ser uma resposta à cultura norte-americana de segregação, onde a falicidade é uma de suas principais matrizes. Assim, principalmente em um contexto de abandono do simbólico, surge a falta de possibilidade do estabelecimento de modelos de identificação adequados para um desenvolvimento mais maduro e saudável.

É interessante notar como, em uma nação onde o ideal da globalização já é adotado há muito tempo e onde as diferenças culturais e segregação já teriam, em tese, sido resolvidos (e que, portanto, deveria ser uma sociedade mais igualitária), podem surgir, tal qual sintomas, estas espécies de formações grupais, voltadas para um modo de conduta mais perverso, onde os jovens, em sua grande maioria homens, buscam um espaço continente para si próprios, uma vez que dentro da sociedade globalizada se sentem por demais perdidos.

É notório que existe um desejo pela constituição de uma sociedade na qual todas as raças e diferenças sociais pudessem ser contidas, criando uma única e perfeita nação. Todavia, como é muito difícil atingir este ideal imaginário de perfeição, mesmo porque este não advém de uma fantasia individual, mas, sim, é introjetado a partir de um sentido que é imposto de fora, as pessoas não conseguem vivenciar a diferença, dado que, pautados em um modelo científico, a verdade é única e incontestável, o que acaba deixando os indivíduos massificados e órfãos de uma ordem simbólica que possa sustentar estas verdades indubitáveis.

Temos, portanto, que a subjetividade unicamente se constitui a partir da diferença e a falta de tolerância para com esta diversidade, diante de um modelo insofrito de homem que não tem paixões ou crenças, que independente de serem certas ou erradas, (dado que estamos traçando uma análise psicanalítica), são as engrenagens constitutivas de uma identidade. Esta diferença, principalmente na

adolescência, que, via de regra, o ser humano está bastante angustiado e buscando o seu lugar no mundo, passa a aparecer de uma forma violenta e desagregadora contra este ideal de igualdade, uma vez que o que o jovem encontra no mundo não é a aceitação e a tolerância preconizadas, porém algo bastante diferente e ao qual ele deve responder.

Deste modo, aquilo que deveria ser vivenciado como o resultado de uma elaboração e maturidade, acaba se tornando uma zona de conflitos, na qual uma lei que vem de fora exige um modelo de conduta que por si só é impossível de ajustar-se ao modo de vida das pessoas, mesmo porque a grande diversidade de crenças que se apresentam possuem contradições intrínsecas impassíveis de serem abarcadas ao mesmo tempo. Assim, ao contrário do mundo colorido e multicultural que deveria conter a tudo e a todos, o que se apresenta é uma realidade na qual o jovem se sente propenso a estar dentro de um grupo de iguais, buscando assim criar a sua própria identidade, o que, por si só já é contraditório, uma vez que esta espécie de formação grupal já está voltada a uma intolerância da diferença, visto que seus integrantes possuem basicamente dois tipos de vínculos libidinais: o primeiro para com o líder, tomado como um modelo, o outro para com os demais integrantes, considerados como iguais e que, portanto, a diferença não é bem vinda, pois costuma desagregar, posto que cria um espaço fértil para reflexão. Em outras palavras, tal qual é exposto por Freud a partir do texto sobre psicologia das massas, a reflexão influencia negativamente, como uma forma de resistência, no vínculo libidinal amoroso que une o liderado ao seu modelo de liderança, descrito pelo autor como equivalente a uma hipnose sugestiva.

Neste contexto é que encontramos Thao, que nos é trazido pelo filme perdido entre a infância e a maturidade, impossibilitado de crescer, pois os únicos modelos que lhe são apresentados como fálicos o suficiente para que seja possível uma identificação, obviamente levando em conta o contexto social apresentado pelo filme que é um retrato da demonização da velhice e a ostentação do homem que se faz bem sucedido, não importando por cima de quem deverá passar, são aqueles que se encontram dentro destas formações

grupais onde há a prevalência desta fantasia fálica, que deve ser assegurada a qualquer preço e, portanto, bastante propensos a violência. Vale ressaltar aqui que, em corroboração com esta fantasia fálica, na qual a lei é aquilo que é a vontade dos líderes grupais, há um repúdio óbvio a subjetivação do indivíduo, bem como o da criação de um desejo e de qualquer contato possível com a angústia, mesmo porque se objetivando fugir destas coisas que se originam tais formações.

Um exemplo interessante disso é a fala do primo do vizinho: “Por quê você insiste em me fazer parecer mau?” tentando de qualquer modo fazer com que seu primo se torne, “para o bem dele”, mais um do membros de seu grupo e cujas tentativas frustradas de fazê-lo deixar aparecer a angústia, com a qual ele não consegue confrontar-se, mesmo porque, dentro de sua postura perversa de denegação da castração e da tentativa de estabelecer um controle onipotente da realidade, e que a fraqueza jamais pode aparecer, não surge a possibilidade para que ele questione as suas próprias condutas e que respeite a liberdade individual de Thao em não fazê-lo.

Dando continuidade ao filme, a possibilidade do despertar do desejo deste vizinho que vem justamente com a implementação de uma lei simbólica, passa a ocorrer a partir do momento que este passa a conviver com o velho e rabugento vizinho, que dentro desta mesma relação também acaba passando pelo despertar de seu próprio desejo, uma vez que a postura fálica que tentava manter de qualquer forma, inclusive através do controle onipotente da realidade do bairro, onde passava a sair armado visando restabelecer a ordem, também não possibilita que surja nele uma angústia ou falta, de modo que ele também, tomado de uma postura perversa, não conseguia despertar para o seu próprio desejo, permanecendo fiado em uma suposta demanda do Outro. Assim, é interessante notar que nesta relação ambos tiveram que figurar na posição definida por Winnicott como a da “mãe suficientemente boa”, ou seja, aquela que apesar de conter a angústia do bebê, de modo que esta não se torne insuportável para ele, também se permite errar, deixando que o bebê se frustre e conseqüentemente possa voltar-se para o mundo em busca de experiências mais satisfatórias, liberando, assim, o sujeito para o desejo, aqui enfim em decorrência de uma

maturidade e elaboração, passasse à aceitação da diferença, não em razão da imposição, mas da própria relação.

Todo este interjogo entre a falicidade e a impossibilidade de responder a essa demanda fica muito bem ilustrado no caso dos dois, o que pode ser considerado uma das mais interessantes partes do filme. Aqui vale observar também que a tentativa de manter-se nesta posição de falicidade, que não deixa de ser uma resposta a uma fantasia perversa de um neurótico obsessivo, por parte do velho, já havia se tornado um motivo de piada dentro de sua própria família, sendo que ele mesmo se designava como “um cara que conserta as coisas”, em uma referência a impossibilidade de deixar que transparecesse qualquer falta, o que o tornava bastante incomodativo e odioso para sua própria família.

As coisas vão transcorrendo bem dentro dessa perspectiva, na medida em que os dois vizinhos vão se tornando cada vez mais humanos, menos onipotentes e passam a poder aceitar suas próprias deficiências pessoais, sem que seja despertada neles uma angústia desagregadora. Porém, o primo, a partir do momento que passa a ver Thao diferenciando-se desse modelo, tido como o único a ser seguido, resolve puni-lo por sua deserção, o que acaba acarretando outra retaliação por parte de Walt, em uma retomada de sua característica posição fálica, e conseqüentemente outra retaliação por parte do grupo do primo que desta vez se vingam de toda a família de Thao, metralhando sua casa e agredindo e estuprando a sua irmã. Isso acaba criando no vizinho a vontade de vingar-se do primo, desta vez de forma também perversa. Este, a meu ver, seria o momento ápice do filme, no qual Walt se dá conta que vingar-se de forma perversa somente iria acarretar mais violência, mas que ele, como sujeito, podia fazer algo que pudesse de fato resolver a situação. Assim, assume uma conduta bastante similar a que ocorre no banquete totêmico idealizado por Freud. Porém, no caso do filme, Walt se faz devorar pela horda perversa, de um jeito que o jovem vizinho sinta esse efeito, sem ter que tomar também uma posição perversa.

Neste sentido, Walt vai à casa que reside o primo de Thao e sua gangue e arma um jeito para que ele próprio, que, aliás, já se encontrava bastante doente,

fosse assassinado na frente de todos os vizinhos. Disso, resultou na prisão de todos os perversos, simbolizando que, em virtude da atitude do herói, havia sido possível novamente a restituição da lei simbólica e a manutenção de uma realidade na qual não haveria, pelo menos naquele contexto familiar, espaço para a denegação da castração e que, a partir de então, todos poderiam seguir suas vidas de uma forma menos dependente da existência de heróis e vilões, abrindo espaço, finalmente, para o surgimento de sujeitos.

Interessantemente, tal qual ocorre na representação freudiana do mito de origem, após a morte de Walt abre-se o seu inventário, correspondente metafórico do banquete totêmico, e o que sobra de si é devorado pelos herdeiros. Ele deixa o seu precioso carro para o vizinho. Porém, essa oferta vem imbuída das devidas condições, tal qual um símbolo totêmico, que, a partir daquele momento, se abre a possibilidade de criar uma alternativa à perversidade infantil e, conseqüentemente, uma abertura para a travessia do complexo de castração e para uma postura mais madura.